

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”

Vixi, tô em crise com o meu curso!

Publicado: 07/09/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Materiais extras

ABERTURA

[Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Danú e Tatá, samba tranquilo, com violão, pandeiro e cavaquinho. Uma voz feminina canta. A música fica, como pano de fundo, ao longo da apresentação inicial do episódio.]

Quem canta um canto aumenta um ponto

Ou corta um tanto e faz um conto

Quem conta ou canta aponta um ponto

Ana: Oi gente, eu sou a Ana Noronha, aluna de Ciências Sociais aqui da UnB e estamos aqui em mais um episódio do Mundo Na Sala de Aula, uma nova série do Mundaréu!

Irene: E eu sou a Irene, estudante de Licenciatura em Ciências Sociais, e Antropologia. Pra quem não conhece, o Mundaréu é um podcast de divulgação científica que apresenta e traduz a área da Antropologia. [a música vai desaparecendo] E o Mundo na Sala de Aula é feito por estudantes da área.

Ana: No episódio de hoje falaremos sobre a trajetória até a Antropologia. Durante a primeira temporada do Mundaréu, tivemos alguns convidados que, hoje, vão nos ajudar a entender como é escolher e chegar até o curso de Antropologia.

Irene: Isso aí, e para conhecer mais sobre cada um deles, confira no site do Mundaréu ou então aproveita pra ouvir os episódios anteriores.

BLOCO 1 - Entrada na universidade

[Música: "Ah Não!!"- Brutal Mary, rock acelerado com voz feminina nos meus sonhos eu fujo dos homens que me perseguem nos meus sonhos eu fujo eles procuram e sou eu dessa vez]

Irene: Bem, a gente quer começar falando do início da nossa trajetória acadêmica. Todo o processo de vestibular até a entrada da universidade.

Ana: Ah é aquela fase que a gente fica em dúvida sobre que curso escolher, do que fazer no futuro, enfim... O Zé Miguel, antropólogo e professor da USP, que foi nosso convidado no episódio 1 do Mundaréu, lembra como foi no caso dele.

Zé Miguel: Eu sou colombiano né eu nasci em Bogotá, mas a... a relação com a antropologia ela vem desde, digamos, desde antes da graduação, na verdade, e eu não sei muito bem por que e como, nunca consegui entender isso muito bem. Temos o que seria no Brasil a preparação pro ENEM ou pro vestibular, que eu não sabia muito bem que eu queria estudar, não estava entendendo muito bem. E apareceram quatro coisas, que seriam possíveis: Música, Comunicação Social, Direito, e Antropologia. Que eu acho que tem uma coisa a ver com uma coisa que eu, da Arqueologia, mas eu não pensava em termos de Arqueologia, eu pensava em termos de Antropologia. Mas assim, não conhecia nenhum antropólogo e nunca tinha lido nada, talvez que eu lembre agora assim de Antropologia, talvez na escola.

Teaser do Mundaréu: Antropo... que? Nunca ouvi falar! Já sei, é aquela área que estuda dinossauro!? O trabalho de vocês é tipo... tipo Indiana Jones?

Ana: Pra quem não conhece, esse foi o teaser de lançamento do Mundaréu. Pouca gente sabe o que é Antropologia, o que ela faz e estuda. Então a gente resolveu botar um pouquinho do trecho pra vocês ouvirem.

Irene: Tem o caso do Rodrigo Toniol, antropólogo, professor da Unicamp e nosso entrevistado do episódio 2, que até já tinha uma certa noção, mas ainda ficou em dúvida até chegar no curso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rodrigo Toniol: Eu achava que eu queria estudar antropologia da religião. Eu não tinha muita certeza disso, não sabia exatamente o que era, mas eu tinha uma certa intuição, que vinha de livros, que vinha de conversar com um cara que veio visitar o colégio fazer uma palestra, e de um professor de História que fazia doutorado e tinha o mapa da antropologia da religião, conhecia alguma coisa e falou lá no Rio Grande do Sul tinha muita gente. Fiz os vestibulares aqui, fiz os vestibulares lá, passei. Fiz Ciências Sociais então lá na URGs e assim, a pesquisa esteve presente desde o começo.

Ana: Irene, é muito doido porque eu tinha escutado muito pouco sobre as Ciências Sociais. No ensino médio acabava tendo só uma aula de Sociologia. E quando falavam na Antropologia sempre ficava naquele “antropo o que?”. Eu tava bem como o Zé Miguel e o Rodrigo.

Irene: Ai isso acontece muito! Não é à toa que o teaser do Mundaréu brinca justamente com isso né. Mas também existem pessoas que já vão bem decididas. Foi o caso da Artionka Capiberibe, professora da Unicamp e nossa convidada do episódio 5.

Artionka: Eu escolhi Ciências Sociais desde o começo. No terceiro ano eu era a única que ia fazer Ciências Sociais, todo mundo ia fazer ou Engenharia ou Medicina, alguns poucos Computação. Mas todo mundo achava estranho a pessoa tão decidida em fazer Ciências Sociais. A minha família é de militantes políticos né, a imagem que me, me chamou, me atraiu como inspiração pra ir pra essa área era a do Betinho, que na época movia uma grande campanha contra a fome no Brasil.

Ana: É, a Artionka convivia e tinha como inspiração o Betinho, que era sociólogo. É mais fácil quando a gente já conhece alguém da área. Daí, Irene, contra pra gente, como foi pra você? Já sabia que queria Ciências Sociais? Você lembra mais ou menos como escolheu a área da antropologia?

Irene: Olha, desde a escola eu sempre gostei de me envolver nos grêmios, movimentos sociais que estavam próximos, sempre gostei de me envolver com as pessoas. E também sempre admirei muito a profissão de professora, e tinha muita vontade de trabalhar com crianças e jovens... Mas acho que só no terceiro ano descobri que existia o curso de Ciências Sociais mesmo, então antes eu pensava em Filosofia, Psicologia... Ou talvez Português, por achar tão importante esse trabalho com a linguística e expressão na escola. Aí quando eu defini Ciências Sociais, no terceiro ano, tava rolando a Reforma do Ensino Médio e eu fiquei meio confusa, se ia ter Sociologia ainda no currículo, se ia ter espaço de trabalho pra gente né... Parecia meio loucura escolher Ciências Sociais naquele momento, mas eu escolhi meio nessa esperança mesmo de encontrar estratégias, de lutar também contra a Reforma, e não me arrependo de forma alguma porque, além de aprender muita teoria né, a gente tá sempre aprendendo também estratégias de luta e resistências, e pensando os lugares que temos pra ocupar como cientistas sociais... e esse episódio tá contribuindo muito pra isso também né!! Mas e você, Ana? Como veio parar aqui?

Ana: Na verdade... foi super inesperado, eu [ênfase] nunca tinha pensado em fazer Antropologia! Eu estava em outro curso, por acaso peguei Introdução a Antropologia com uma doutoranda aqui da UnB, a Sara Santos. Eu achei a matéria dela tão inspiradora e tinha tanto a ver com o que eu tinha vivido recentemente que quando fiz o Enem ano passado considerei fazer Ciências Sociais. E aí eu [risonha] vim parar aqui né! Eu sinto que ao mesmo tempo que caí de paraquedas, é como se toda a minha trajetória fosse me levando pro curso, sabe?

BLOCO 2 - Mudança de curso

[Música "Ainda uma vez, adeus" - Hermano, tambores, guitarra. Voz masculina que segue no fundo durante a fala de Irene.]

Eu morro pra cantar as coisas que vivi
sem me importar se realmente as fiz
pois esqueci de ver, por pensar demais.

"Ah! Nunca me senti tão tupiniquim."
Ninguém me disse que ia ser tão assim.
Pensar uma coisa, sabendo que logo vai esquecer.]

Irene: É, é bem comum entrar na universidade e ainda não ter clareza se é esse o curso certo, né?, como contou a Erica Souza, a entrevistada do episódio 3. Ou encontrar a Antropologia já na pós-graduação, como mostrou a Clarice Rios, no episódio 7.

Clarice Rios: A minha formação na graduação é da Psicologia, eu já tava envolvida com uma professora que trabalhava com Psicologia Cultural, e essa professora foi muito importante nesse projeto. E aí teve uma série de circunstâncias que me me levaram a ir pros Estados Unidos, eu fiz o mestrado em Chicago, tinha uma professora lá incrível, que trabalhava com isso, chegando nessa época na Universidade de Chicago, que é a Tanya Luhrmann. E eu fiquei encantada com o trabalho dela, e aí eu descambe pra esse lado, comecei ali a flertar com a Antropologia Psicológica, é uma sub-área da Antropologia muito pequena, mesmo nos Estados Unidos né.

Erica Souza: Bom, inicialmente eu venho na verdade da Pedagogia né, aí que eu fui pra Antropologia. É... Na verdade na época eu queria mudar de curso né, eu queria largar o curso, que eu comecei a fazer Ciências Sociais ao mesmo tempo, e eu queria largar Antropolog... a.. Pedagogia, mas eu já tava bem mais adiantada, então [risonha] me convenceram a terminar o curso aí né engatar aí o mestrado especificamente na Antropologia.

Ana: Eu já tive dúvidas iguais as da Erica. Na minha trajetória acadêmica eu já passei por várias áreas. É... Eu entrei na Universidade de Brasília, primeiro para Biologia, e depois eu fui pra Comunicação Social. Depois disso eu passei mais 4 semestres no curso de Economia, lá na Universidade Federal de Pernambuco e finalmente cheguei nas Ciências Sociais, aqui de volta na UnB. É... Muita coisa aconteceu nesses anos e depois de muitas crises, muitas crises [ênfase] mesmo, eu cheguei aqui. E é uma trajetória mesmo, na Biologia eu sinto que aprendi muito sobre método científico, escrita para artigos e ter um pensamento sistematizado e meio interligado. Na Comunicação eu abri a cabeça para questões sociais. E pra além das aulas de Economia, eu estava muito em contato direto e bem intenso com algumas culturas populares lá em Recife, hoje eu até me arrisco em dizer que teria dado um belo trabalho de campo. É... Foram experiências que realmente mudaram a minha forma de ver a vida. E quando entendi o que era um trabalho de campo na aula de Introdução a Antropologia e o papel do antropólogo, eu vi que essa área poderia me dar várias respostas, tanto academicamente mas, também, para tudo aquilo que eu tinha acabado de viver.

Irene: Ai, as vezes, a gente até se sente mal quando as trajetórias acadêmicas não são tão lineares, né?

Ana: Ai, total! Mas é normal né e faz parte. Então eu queria deixar um recado que a Soraya, nossa professora da Antropologia aqui da UnB e produtora também do Mundaréu, me falou enquanto eu estava produzindo esse episódio. Me deu um quentinho no coração tão grande, e acalmou tanto as minhas crises internas, que eu queria compartilhar um pouco com vocês.

Soraya: Porque é muito comum, Ana, na graduação os alunos mudarem de curso. E muitos às vezes se sentem “eu tô atrasado”, “eu tô perdendo tempo”, “eu tô perdendo oportunidade”, “eu tô perdido”, “os meus pais tão me cobrando”, “eu tô sendo muito custoso pro, pro Estado ou pra minha família”, e tem uma série de crises assim... É.. e que eu sempre tento falar pros alunos que os nossos caminhos de escolha profissional são difíceis. E não é só o vestibular que define a nossa profissão. Nós temos que transitar às vezes por alguns cursos até a gente se encontrar. E muitas vezes a gente termina com um diploma, feliz com nosso diploma, mas às vezes transita pra outra área já no mercado profissional, e faz parte! Por que são as oportunidades que nos surgem, por que a gente também vai se criando no mercado profissional, vai fazendo escolhas do que a gente gosta mais...

BLOCO 3 - Expectativas do curso de antropologia/pibic/ início de pesquisa// relação com orientadores

[Música "Peito Aberto"- Moara, berimbau, guitarra

Hoje eu sei quem sou

E meu corpo é meu

De peito aberto

Em meu nome

E por mim

Meu corpo é meu

De peito aberto

Em meu nome

E por mim

Irene: Tá, mas mesmo já na Antropologia, tem também toda a expectativa com o curso, né? E às vezes essa expectativa não se realiza. Acha que vai ser de um jeito e é completamente diferente. Bora ouvir a Artionka de novo?

Artionka: Quando eu entrei no curso, eu... que entrei com essa veia militante, eu fiquei um pouco decepcionada. Porque eu achava, eu, eu, eu queria aquele curso como instrumento pra a minha militância e tinha muita teoria, e aquilo me apavorou! Né... Eu falei “Meu deus, mas por que que eu preciso ler tanto? Só, eu só vou ler nessa vida?” E eu comecei a entender como a teoria é importante como instrumento também, né, como eu tava falando, é... Antropologia, ela tem uma função prática que a gente não enxerga de imediato, mas quando a gente trabalha e tenta entender outros modos de vida, a gente também tá dizendo pra, pros nossos, né, pros não indígenas, que é preciso espaço pros outros modos de vida, porque, não só porque eles têm direito a essa existência, mas porque conhecimento do outro pode ajudar.

Ana: Eu cheguei a me identificar [ênfase] muito com isso que a Artionka falou. Eu demorei [ênfase] muito pra entender essa importância toda da teoria. Muitas vezes a gente lê um texto antigo e não consegue conceber o por quê que a gente tem que ler algo que as ideias são tão desatualizadas, arcaicas e até preconceituosas. Mas mesmo assim elas são importantes para que a gente olhe os erros desses antropólogos e procure não repetir isso.

Irene: Outro ponto é que a linha de raciocínio daquele antropólogo antigo acaba dando base para uma linha que nós vamos construir em um trabalho, numa atividade de extensão ou em um PIBIC. Não vai ser a mesma coisa, mas as contribuições e algumas semelhanças a gente pode adaptar para construir nossos trabalhos.

Ana: Com certeza! E Irene, você mencionou sobre Projetos de Iniciação Científica e os Projetos de Extensão, que tem o objetivo de levar o conhecimento produzido na universidade para fora da sala de aula.

Irene: Sim!! Eu amo!! Eles são fundamentais para a nossa formação e muitas vezes a gente nem imagina que esses pequenos projetos podem nos levar tão longe! O Rodrigo falou disso, lembra?

Rodrigo: Sou bolsista de iniciação científica desde o terceiro semestre da graduação. E isso produziu um efeito bem significativo, um impacto na, na, na formação mesmo, né. Porque aí esse cotidiano de grupo de pesquisa foi uma outra graduação, paralela, com outra dinâmica, com outras pessoas, numa estrutura que não era pesqui... não era professor-aluno. E... E aí teve, eu, na graduação então aí eu fiz uma pesquisa, é... já era num projeto grande e interdisciplinar por que tinha apoio do edital Universal.

Ana: A Taniele Rui, que esteve no episódio 5 do Mundaréu, também falou disso!

Taniele: Fiz tudo na Unicamp né, talvez falar um pouco também da universidade pública, né, e de alguma mudança de fase que ela [risonha] faz na vida das pessoas assim.. Meu contato com as Ciências Sociais veio dessa experiência universitária né, fui aprendendo na própria universidade né. É... ligado a projetos talvez de extensão.. Ah! tinha um específico que foi criado pela Simone Frangella e ela fez um projeto de extensão com vários alunos da universidade pra atuar com a população de rua no centro de Campinas, e eu tava nessa. Então eu acho que foi daí que um monte de coisa começou, tem bastante a ver com uma experiência universitária intensa, né, movimentada, aproveitar tudo que a universidade [risonha] podia me oferecer e o que que eu ia agarrar pra construir alguma coisa. É, acho que passa por esses projetos de extensão mesmo, que eu também acho que são super importantes.

Irene: É isso né! As primeiras relações com orientadores, as primeiras atividades de campo, e leituras um pouco mais específicas vêm nessas experiências.

Ana: Com certeza, é a hora de aplicar na prática o que a gente aprende na teoria. Meio que a hora de botar a mão na massa e experimentar.

Irene: E aos poucos a gente vai descobrindo e construindo o nosso próprio jeito de fazer pesquisa!

Ana: Não existe maneira correta de entrar no campo ou de fazer pesquisa. E a nossa trajetória dentro e fora da Antropologia vai dizer muito como esse processo vai ocorrer. Talvez alguma vivência na minha vida seja o necessário para que eu consiga me aproximar de um interlocutor. Talvez me dê repertório, me dê bagagem para lidar com essas diversas dificuldades que a gente encontra durante as pesquisas na área de Antropologia, no trabalho de campo e depois no mercado de trabalho também.

BLOCO 4 – Trabalhando como antropólogo

[Música - "Águas do Cerrado" - Feijão, melodia alegre, com flauta, várias vozes cantando. A música se estende ao fundo das falas.

Itiquira, Poço Azul, Mumunhas, Indaiá

Na Quebrada dos Deuses Cachoeira do Altar

Topázio, Tororó, do caminho não me engano

O Salto de Corumbá e o Riozinho dos Canos

Irene: Até agora a gente falou muito sobre o trabalho dos antropólogos dentro da academia. Mas na realidade a nossa área dialoga com tantas outras atividades... Muitas vezes, a partir de uma pesquisa, geramos conteúdos e materiais importantíssimos para a academia, mas principalmente para as próprias comunidades com que estamos trabalhando. E isso pode ser um livro, um registro fotográfico, documentários, cursos...

Ana: E como a antropologia é uma área interdisciplinar, isso pode ocorrer de várias formas. Vamos trazer mais uma fala do Zé Miguel.

Zé Miguel: E aí eu mobilizei o meu conhecimento, claro, do campo político da prostituição no Brasil e a minha experiência na saúde sexual e reprodutiva. E então eu cheguei na Secretaria de Saúde de Tabatinga e de Leticia, das duas cidades e disse "olha, eu sou essa pessoa aqui, eu faço isso, e eu queria saber se vocês tem trabalho de prevenção de HIV, ou de ou, ou de outras coisas e de promoção da saúde com trabalhadoras sexuais". "Não tem", perfeito, "eu posso ajudar, vamos fazer?"

Irene: O Zé Miguel pegou todo o conhecimento que ele já tinha conseguido nas vivências e durante a graduação, mestrado e doutorado e reverteu dando assistência para aquela comunidade que ele estudava.

Ana: Muita gente acredita que esses dois espaços são meio diferentes. Se eu tô distribuindo preservativos junto com a prefeitura, não tô sendo pesquisador.

Irene: É importante a gente reforçar que ao fazer um, nós podemos fazer o outro ao mesmo tempo! A Nashiele, por exemplo, aproveitou os dados do mestrado e publicou como livro. E olha como foi o resultado disso.

Nashiele: Tem uma história da, da circulação do, do meu livro de mestrado que justamente, digamos, ajudou uma família. Pessoas não acreditavam que eles já tinham tempo de acampamento. E aí o livro circulou, e aí eles conseguiram comprovar com o livro que eles tinham tempo de acampamento, por que a história deles estava no livro.

Ana: nossa sim! A forma de registro do antropólogo, seja em livro, fotografia, vídeo... tudo isso produz Ciência e também conexões, informação, arte e também transformação na vida das pessoas. A Clarice, que a graduação em Psicologia permitiu que desse aulas também na Psicologia, e a Iranice, as duas do episódio 7 também tem uma história muito legal do resultado desse trabalho conjunto

Clarice: foi uma experiência linda, já tinha acabado a pesquisa e eu escrevi aquele, é, ajudei a organizar aquele livro sobre autismo que eu lancei recentemente. E aí eu tava dando aula de professora substituta na UFRJ, na Psicologia, e aí um dia tava lá e era pra falar de atenção básica e eu queria falar dessa coisa da expertise leiga. Aí falei “ah quer saber? Vou chamar a Iranice!” aí eu chamei ela pra dar aula lá pra essa turma. E aí a leitura né, requerida e tal era o capítulo que eu escrevi sobre ela e sobre a Mão Amiga! [rindo] Aí ela olhou falou assim “esse artigo é sobre a gente” [rindo] Então ela já tinha, e aí ela tinha lido e ficou super emocionada! Pra mim isso foi incrível, porque eu falei “gente, eu consegui escrever uma coisa na linguagem acadêmica, por meio acadêmico, pra antropologia, mas que ainda assim conseguiu dialogar com ela!” Ela, ela conseguiu se reconhecer ali né. Então nesse dia da aula né, ela leu o capítulo que eu escrevi, e ela chegou, os alunos leram também. Ela sentou ali, era uma aula, sei lá, de três horas sei lá, mas ela sentou e começou a falar, ela não ficou citando o capítulo, mas eu percebi que ela organizou toda a fala dela, toda a narrativa, em torno da, do tema do capítulo né, e a ideia que eu queria desenvolver nessa aula era da importância desses profissionais da Psicologia, tava dando aula na Psicologia, de trabalharem dialogando e reconhecendo né os seus interlocutores né, os pais de autistas, as pessoas, a população com quem eles trabalham como pessoas que têm um saber!

Fechamento

Música: “Quem canta” de Danú e Tatá, samba tranquilo, com violão, pandeiro e cavaquinho. Uma voz feminina canta. A música fica, como pano de fundo, ao longo da despedida do episódio.

Quem canta um canto aumenta um ponto

Ou corta um tanto e faz um conto

Quem conta ou canta aponta um ponto

Quem porta um pranto apronta um conto

Ou pinta um porto e sai do canto

Quem porta ou pinta aponta um porto

O porto onde pulsa o pé

Pega uma ponte, uma ponta, uma pauta, uma balsa, uma valsa

Vá descalça

Pro quintal lá de casa

Pega uma ideia, boleia, odisseia, quimera, uma teia

Uma veia quem dera

Ana: É isso gente! Estamos chegando ao final de mais um episódio do Mundo Na Sala De Aula! Esse episódio foi pra falar um pouco de como a gente se constrói profissionalmente e também como a nossa vida e nossas escolhas vão nos ajudando a moldar essa identidade como antropólogos. E claro que precisamos falar um pouco das crises que [ênfase] todo antropólogo ou antropóloga passa em algum momento ao desenhar a sua trajetória. Eu espero que tenham gostado das trajetórias que tivemos nessa primeira temporada do Mundaréu e dessa série feita por alunes e para alunes.

Irene: Lembrando sempre que vocês podem achar a gente em várias redes sociais: Facebook, Instagram e Twitter, e nos tocadores de podcasts.

Ana: Ou mesmo no site mundareu.labjor.unicamp.br/, onde também há materiais extras que selecionamos especialmente para fazer cada um dos episódio. Pra finalizar, queria agradecer à Irene, que animou de gravar esse episódio comigo, às bandas e artistas Brutal Mary, Hermano, o Lucas Tufas que gravou o baixo na música da artista Moara, e a banda Feijão. Pra quem não conhece, em todas as músicas que vocês ouvirem tiveram antropólogos ou cientistas sociais aqui da UnB envolvidos na gravação ou na execução desses trabalhos e é sempre bom lembrar que dá samba, literalmente, a gente fazer Antropologia e gostar de música né, olha aí!

Irene: Com certeza, Ana! Agradecer principalmente à equipe do Mundaréu! Têm sido uma delícia construir coletivamente esse projeto com todos vocês.

Ana: Beijão gente e até a próxima!

Irene: Tchau, galera!!

Expediente:

Apresentação: Ana Noronha e Irene do Planalto

Produção: Ana Noronha, Irene do Planalto e Soraya Fleischer

Montagem e edição do roteiro: Ana Noronha, Daniela Manica e Soraya Fleischer

Montagem e edição do episódio: Ana Noronha

Transcrição do episódio: Irene do Planalto

Autorizações para as músicas: Ana Noronha e Soraya Fleischer

Conteúdo do sítio eletrônico: Ana Noronha e Soraya Fleischer

Divulgação: Milena Peres e equipe do Mundaréu